

Valesca Silva de Deus¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

RESUMO

O tema deste artigo consiste na identificação de mulheres negras atuantes de rádio do Rio Grande do Sul, especificamente Porto Alegre. Como problema de pesquisa questiona-se: quem são as mulheres negras que fizeram ou fazem história no rádio da capital gaúcha? O objetivo geral é compreender aspectos que sinalizam a presença ou ausência dessas mulheres negras no rádio comercial nas três primeiras décadas do século XX. Como metodologia, utiliza-se a pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005) e documental (Moreira, 2005), fundamentação a partir da Economia Política de Comunicação (Mosco, 1999) com diálogo entre a história do rádio no Estado (Ferraretto, 2002). O levantamento inicial aponta que as mulheres negras estavam ligadas a produção artística em que o rádio estava relacionado no século XX.

PALAVRAS-CHAVE: rádio no Rio Grande do Sul; mulher negra no rádio; mulheres no rádio; rádio em Porto Alegre.

INTRODUÇÃO:

Este resumo expandido apresenta um recorte inicial de um projeto de tese que está em desenvolvimento na UFRGS. Tem como tema a identificação de mulheres negras atuantes na produção de rádios comerciais do Rio Grande do Sul, especificamente Porto Alegre. Para essa busca, a proposta articula metodologicamente uma intensa pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005) e documental (Moreira, 2005), em repertórios físicos e digitais que contextualizem o olhar diretamente para a atuação da mulher negra e o rádio como meio de comunicação no Estado. A discussão teórica irá articular fragmentos históricos do rádio comercial, a partir da Economia Política da Comunicação (Mosco, 1999) do século XX, com apoio do feminismo negro e estudos afro-gaúchos que indicam as circunstâncias do último século, no qual vivenciou guerras mundiais, transformações tecnológicas e entre outros, o racismo e a segregação no Rio Grande do Sul.

A metodologia deste trabalho contempla uma pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005) e documental (Moreira, 2005) voltada diretamente para a mídia sonora e especificamente no ambiente do rádio no Rio Grande do Sul. Neste sentido, considerando as primeiras três décadas do século passado, indica-se que as fundações de emissoras gerenciadas por nomes de grandes articulações políticas e econômicas, vão além de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

apenas considerações técnicas sobre mídia sonora que a Comunicação poderia apresentar. Ainda assim, considera-se que o rádio é um meio majoritariamente masculino, tanto em cargos de direções ou ocupações de evidência, como a cadeira do locutor que ainda é um espaço que não apresenta diversidade étnica racial ou plurais da sociedade.

Por fim, a análise entende que o rádio é um meio que proporciona a imaginação dos ouvintes, dessa forma se ouvir uma voz masculina, entende-se que se trata de um locutor, o homem. E, se for uma voz feminina, será, portanto, uma locutora. O exercício que não é naturalizado equivale a se questionar: qual seria a raça destes comunicadores? já que a voz é o principal recurso de trabalho, esta indagação pode passar despercebida. Portanto, como problema de pesquisa questiona-se: quem são as mulheres negras que fizeram ou fazem história no rádio da capital gaúcha?

Outro aspecto que as buscas evidenciam são as aproximações que o rádio faz com áreas artísticas, culturais, econômicas e políticas para compor a estrutura social e neste sentido, a música tem um fator importante na aproximação da localização dessas mulheres protagonistas de rádios. Novamente considerando o último século, deve-se recordar que o radioteatro, a radionovela e os concursos para rainhas do rádio apresentaram grande prestígio do público no Rio Grande do Sul, características que colocam artistas femininos e masculinos, negros e brancos em evidência.

METODOLOGIA

Como método a partir da pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005) e análise documental (Moreira, 2005) com foco na Economia Política da Comunicação (Mosco, 1999) este processo vai considerar o sucesso, econômico, de empresas que tem como a principal mercadoria a comunicação. Neste caso, os produtos culturais “vendidos” através dos meios, são entretenimento, informação, noticiário, música e etc., atingindo especificamente a indústria cultural. Cabe entender como a lógica funciona na sociedade, segundo o autor:

Em sentido restrito, economia política é o estudo das relações sociais, em especial das relações de poder, que constituem a produção, distribuição e consumo de recursos, incluindo os recursos da comunicação. Esta formulação é importante, porque chama a atenção para o circuito institucional dos produtos das comunicações que liga, por exemplo, uma cadeia de produtores iniciais a distribuidores, retalhistas e consumidores, cujas aquisições, alugueres e cuidados vão alimentar novos processo de produção. (MOSCO, 1999, p. 98).

Em relação ao rádio no Rio Grande do Sul, o contexto de sentido da Economia Política da Comunicação (Mosco, 1999) aparece em todas as épocas, assim como nos anos 1920, 1930 e 1940. As três primeiras rádios de Porto Alegre, a Gaúcha (PRC-2), a Difusora (PRF-9) e a Farroupilha (PRH-2) foram empresas fundadas por personagens de poder econômico e político, e este adendo implica na sinalização da elite de que o início do rádio experimentou, apontando as diferenças sociais de classe. Os cruzamentos artísticos, culturais, sociais, políticos etc., que acontecem na Economia Política da Comunicação (Mosco, 1999) se desenvolvem por estratégias de atratividade de audiência em solo gaúcho e, claro, consequentemente no crescimento da publicidade no meio sonoro.

Neste sentido, a criação do radioteatro, em 30 de novembro de 1935 na rádio Difusora do empresário Arthur Pizzoli, influenciou diretamente na transformação de artistas desconhecidos se tornarem amados pelo público gaúcho e apenas com o fascínio da voz. As especificidades deste acontecimento, foi detalhado pela jornalista Elisa Kopplin Ferraretto, no livro “*Pery e Estelita na ribalta do espaço: um romance nas ondas do rádio*”(2021). E nele, consta que a partir do *feeling* da criatividade artística e necessidade financeira, o casal, recém casado, Pery Borges, nome artístico do Luiz Borges “ [...] um rapaz baixinho, moreno, muito sério, até elegante em seu traje de risca de giz [...]” (Ferraretto, 2021, p. 75) e Estelita Bell, a Esther Daniotti Borges, fundaram o radioteatro no Estado.

Além da relevância para o marco da junção entre teatro e rádio no Rio Grande do Sul, o autor deste fato foi um “rapaz moreno” ou seja, um rapaz não branco - e na atualidade seria um homem pardo - e além do mais, uma mulher, a Estelita, como coautora. Depois que a dupla de sucesso se tornou case exclusivo da programação da Farroupilha em 15 de abril de 1936, a voz de uma outra mulher cantora e negra, apontada como Horacina Correa interpretando samba, também aparece na programação. Outras vozes femininas e provavelmente não-negras também aparecem pelas páginas da obra de Elisa como: Ema Sack (2021, p.113), Cecília, Conceição, Laura, Renné, Vanda, (2021, p. 127-174); locutoras como Aida Terezinha, Beatriz Regina, Alice Avero (2021, p.244) e Zenite Amaral (2021, p.274).

Nestes altos e baixos que as primeiras rádios de Porto Alegre enfrentavam, considera-se relevante recordar os acontecimentos regionais, os contextos das Guerras Mundiais e intempéries locais, que movimentavam além do meio sonoro, graves consequências sociais:

São anos intensos no mundo em guerra, pisoteado por insanas botas fascistas, genocidas, racistas, supremacia das, intolerantes, homofóbicas, genocidas. Anos de vida ceifadas nos campos de batalha, nos campos de concentração e nas cidades; vidas de soldados e civis, de mulheres e crianças, de velhos, judeus, negros, pessoas com deficiência, homossexuais, ciganos, opositores políticos - 50 milhões delas. (Ferraretto, 2021, p.165).

Sendo assim, com a expertise e o desejo de melhoria da situação no Rio Grande do Sul, um alto lucro financeiro com base na audiência foram garantidos com o sucesso da dupla de Ouro na Farroupilha e as programações sugeridas pelas emissoras. E este foi só o início de todo o sucesso criativo que as empresas iriam apostar ao longo do tempo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Rio Grande do Sul construiu uma herança europeia, com movimentos migratórios de italianos e alemães, nas origens portuguesas, indígenas e espanholas, ignorando totalmente a contribuição cultural e social do negro nesta sociedade (Germano, 2009, p.100). Neste sentido, na Comunicação do Estado, a figura negra também foi negligenciada, uma vez que os meios de comunicação eram produtos de elite burguesa e colonial. Neste sentido, mapear as mulheres e negras do rádio no Rio Grande do Sul é um desafio, pois as violências de gênero, o preconceito racial e tantas outras desigualdades brasileiras, perpetuaram paralelamente ao tempo em que as mulheres tinham como principais funções serem donas de casas e belas esposas. Ao fazer este levantamento, percebe-se as cicatrizes do racismo na barreira do silenciamento na história do rádio no RS.

Portanto, este contexto do rádio no século XX é totalmente diferente do rádio conhecido no século XXI. De acordo com a Revista do Rádio, originada no Rio de Janeiro, os sujeitos do rádio eram tratados como galãs e estrelas, as ocupações variaram entre radioatores, locutores, humoristas e cantores e as mulheres poderiam atuar com música, dança (vedetes) e radioateatro. Um balanço nas dez primeiras Revistas do Rádio de 1948, mostra 27 artistas negros, entre esses, sete são mulheres cantoras, bailarinas e atrizes. As mulheres negras identificadas são: Josefina Baker, Carmem Brow, Zilda, Lena

Horne, Carmem Costa, Carmem Barbosa e Horacina Correa, a única gaúcha entre as estrelas.

A Horacina representa a música e seu nome foi essencial para evidenciar aspectos da negritude que circulou pelo rádio nacional. No contexto da época, 1930, a atuação como solista do bloco de carnaval, Bloco dos Turunas, foi a oportunidade que proporcionou condições de ecoar o talento artístico nas ondas do rádio no RS. Nascida em 5 de outubro de 1929 no antigo território negro, denominado Colônia Africana, e hoje conhecido como o bairro nobre, Rio Branco de Porto Alegre, em 1884 ocorreu a fixação de ex-escravos e formação de uma comunidade pobre, caracterizando uma parte do contexto étnico racial da capital do Rio Grande do Sul. Na biografia, Segundo o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, Horacina é caracterizada com o termo pejorativo e racista “mulata”, neste sentido, antes do processo de conscientização do antirracismo, também impulsionado pelo alcance da internet, sinônimos destas denominações eram usados frequentemente na atribuição dos sujeitos da negritude.

E ainda, a Revista do Rádio, especificamente na edição 10, em 1948 no primeiro ano de fundação, abordou uma reportagem especial com o título: “*Os artistas de cor vencem no rádio*” afirmando que “felizmente o racismo não existia mais no Brasil”. (Revista do Rádio, 1948, p.24). A Revista em questão e todo o movimento artístico e cultural, no Sudeste do país, cooperou para a exposição visual dos personagens e negros do rádio que acabou reverberando nas demais regiões, com a crença de que a democracia racial era efetiva naquele momento.

Outra ligação desse contexto com o RS, pode ser caracterizado pela Rainha do Rádio do RS, uma mulher negra e a mais jovem Rainha do Brasil, coroada aos 15 anos, a Maria Helena Andrade. Conforme a reportagem de GZH, a “Sapoti do Sul”, em alusão a única Rainha do Rádio nacional que é negra Ângela Maria, conquistou 20 mil votos na década de 1950 em Porto Alegre.

Os festivais do concurso iniciaram na década de 1937, uma duração de cerca de 20 anos, nomeando 10 cantoras como rainhas do rádio no Brasil e encerrou consagrando Beatriz da Silva Araújo, como a última eleita, em 1958. Entre as 10 rainhas, neste período, apenas Ângela Maria representa a voz e a beleza da mulher negra brasileira. O concurso promovido pela Associação Brasileira de Rádio, para arrecadar fundos com o intuito de construir um hospital, teve apoio dos títulos através da Revista do Rádio. Em 1953, a

Revista iniciou as eleições estaduais, nomeando mulheres que representam as rainhas do rádio pelos estados brasileiros.

A partir disso, para aprofundar estes acontecimentos considera-se necessário compreender a evolução/construção do feminismo negro no Estado, todavia, poucos registros mostram especificamente a trajetória destas mulheres precisamente na comunicação e no rádio.

Além disso, os estudos publicados pela historiografia local sobre o negro no Rio Grande do Sul, em sua maioria, tratam do período escravista ou pós-abolicionista, havendo ainda poucas pesquisas sobre a história do negro, os mecanismos de exclusão ou as formas de inserção e mobilidade social na sociedade local a partir dos anos 20 do século XX. (Germano, 2009, p. 101).

O problema racial é amplo e contempla significativamente os processos de pertencimento nas áreas que compõem a base comunicacional brasileira. Logo, este impasse de apagamento e silenciamento das vozes negras, de homens e mulheres no meio radiofônico é um despertar de pesquisadores negros contemporâneos. Se a televisão demorou um quinquagenário para uma mulher quebrar a barreira de invisibilidade negra, considera-se importante ressaltar que no rádio, o protagonismo começou bem mais cedo, no entanto com extremo silenciamento de raça e preconceito as tantas vozes desconhecidas.

As características culturais do século passado classificavam as mulheres como ouvintes de rádio, com programas voltados para as donas de casa e as revistas escreviam dicas de moda e beleza. No entanto, seria inverdade não admitir a presença de mulheres participando da programação das rádios brasileiras. Todavia, sobretudo, as mulheres da raça branca dominavam aquela fatia do bolo. Outra forma de perceber a voz feminina nas ondas sonoras do último século, era através do radioteatro ou radionovelas, com as interpretações das radioatrizes.

ANÁLISE PRELIMINAR E CONCLUSÃO

Ao buscar detalhadamente os personagens que construíram a história no rádio, surpreende-se positivamente na quebra do paradigma de que não existem sujeitos negros no meio, existem sim e eles estão principalmente relacionados aos processos artísticos, considerando as suas especificidades. Quanto a música, a Revista do Rádio associa significativamente a presença negra com o samba nacional. Todavia no Rio Grande do

Sul, entende-se que essa presença ainda está silenciada e com identidade omitida principalmente pela sonoridade do rádio, ou seja, um meio que usa a voz como recurso principal. As revistas da época foram essenciais para evidenciar nomes de artistas negros que participaram de alguma forma do rádio brasileiro, mas registros afro-gaúchos estão articulados fortemente com preconceitos raciais e de gênero vigentes.

A estigmatização da espontaneidade e presença de mulheres negras em diversos espaços, ainda que seja violenta e problemática, é uma prática comum e está diretamente relacionada às lógicas de racismo e operam em uma dupla articulação de subalternidade sofrida esse grupo na sociedade, tanto pelo âmbito da raça, como do gênero. (Caroline e De Deus, 2023, p.166).

Ainda as investigações, mostram como o racismo atinge a população negra e assim sendo, as mulheres negras que gostavam de rádio.

Tão acentuada é a presença de mulheres de cor entre esses frequentadores de auditórios, e é de tal maneira efervescente, barulhento e espetaculoso o seu comportamento, que nos meios radiofônicos tais grupos promocionais são chamados depreciativamente de “macacas de auditório”, numa lusão direta aquelas generalizações populares que procuram identificar características negróides a traços misiescos. (Pereira, 1967, p.108).

Além das consequências do preconceito, considera-se importante recordar que nesta história, referente a negritude no Estado, estão as dificuldades de alfabetização, moradia, assistencialismo, saúde, liberdade, preconceito e entre tantos outros impasses, a existência. A população “*de cor*” não tinha permissão para habitar em “cafés, teatros, sociedades e escolas” isso implicou na criação dos próprios espaços de cultura e lazer da negritude afro-gaúcha. O letramento/alfabetização foi essencial para os locutores de rádio, pois a leitura dos jornais impressos dava combustível nas programações radiofônicas, antes do fomento do noticiário.

Embora as circunstâncias, iniciativas de desbravadores/as, com um pouco mais de coragem, ultrapassaram os limites das barreiras que o racismo, sexismo e os preconceitos construíram. Outra peça deste quebra-cabeça é a emancipação da mulher no Brasil, que apesar da importância do movimento feminista, as necessidades das mulheres negras vão aparecer um pouco mais tarde. O Estatuto da Mulher Casada, por exemplo, em 1962, ajudou a autorizar a necessidade de autorização do marido para trabalhar ou viajar.

Sendo assim, diversos fatores, como o aumento de negros ocupando espaços em universidades públicas, através de políticas afirmativas; o interesse pela origem e ramificações ancestrais; a possibilidade de expressão na internet contribui para que a invisibilidade negra e feminina perca o poder estrutural em diferentes áreas artísticas,

audiovisuais, políticas, culturais, educacionais e econômicas. E sendo assim, especificamente na comunicação, este olhar segmentado para a amplificação das discussões de gênero feminino e raça negra, se fazem necessários para o meio rádio, ao analisar o emissor com novas perspectivas, pontos de vista e possíveis transformações sociais.

REFERÊNCIAS

ALBÍN, Cravo. **Dicionário da Música Popular Brasileira**. Disponível em: <<https://dicionariompb.com.br/artista/horacina-correia/>>. Data de acesso: 15 jan. 2024.

BOHRER, Felipe Rodrigues. **A música na cadência da história: Raça, Classe e Cultura em Porto Alegre no pós-Abolição**. Dissertação de Mestrado em História (UFRGS). Porto Alegre, mai. 2014. Disponível: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108950/000948148.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 07 mar. 2024.

BORGES, Juliana. Assessoria de Comunicação da SEDH. Novembro Negro: conheça algumas expressões racistas e seus significados. Secretaria de Estado de Direitos Humanos do Estado do Espírito Santo. 17. nov. 2020. Disponível em: <https://sedh.es.gov.br/Not%C3%ADcia/novembro-negro-conheca-algumas-expressoes-racistas-e-seus-significados>. Acesso em: 07 mar. 2024.

CAMPOS, Marcello. **De Porto Alegre para o mundo: o samba de Horacina Correa**. Jornal do Comércio, reportagem cultural. Porto Alegre, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/reportagem_cultural/2021/11/819216-de-porto-alegre-para-o-mundo-o-samba-de-horacina-correa.html>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CAROLINE, Joselaine.; DE DEUS, Valesca. Não vejo, não ouço e não falo: apontamentos sobre a (não) presença das mulheres negras no rádio. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 22, n. 44, 2024. DOI: 10.55738/alaic.v22i44.1064. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1064>. Acesso em: 2 abr. 2024.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 271-279.

FERRARETTO, Elisa Kopplin. **Pery e Estelita na ribalta do espaço: Um romance nas ondas do rádio**. E-ISBN 978-65-598-5011-2. Ed. Viseu Ltda. Porto Alegre, 30 ago. 2021. 286 p.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Editora da Ulbra, 2002. 258p.

GERMANO, Íris. **Carnavais de Porto Alegre: etnicidade e territorialidades negras no Sul do Brasil.** In: SILVA Gilberto, Ferreira da. et al., RS Negro Cartografias sobre a produção do conhecimento. EdiPUCRS, 2009. 352p.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica^[CC1]. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. p. 271-279.

MOSCO, Vicente. **Economia política da comunicação: uma perspectiva laboral. Comunicação e Sociedade I:** Cadernos do Noroeste, Braga, v. 12, n.1/2, 97-120, 1999.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo.** 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001. 279 p.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

REVISTA DO RÁDIO. **Os artistas de côr vencem no radio.** Rio de Janeiro: Pascoal Tramontano, v. 1, n. 10, dez. 1948. Mensal. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/pdf/144428/per144428_1948_00010.pdf. Acesso em: 27 mai. 2024.

TEIXEIRA, Paulo César. **Coroada aos 15 anos, Maria Helena Andrade foi a mais jovem Rainha do Rádio do Brasil.** *A eleição era decidida pelo público por meio de cupons publicados nos jornais locais.* GZH. Porto Alegre, 1001/2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2022/01/coroada-aos-15-anos-maria-helena-andrade-foi-a-mais-jovem-rainha-do-radio-do-brasil-cky93y3qw006m018882xccp5s.html>. Acesso em: 27 mai. 2024.